

TORCERES: PENSANDO DIFERENTES POSSIBILIDADES DE PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO

Recebido em: 30/12/2020

Aprovado em: 17/02/2021

Licença: 

*Marina de Mattos Dantas*¹
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Teresina – PI – Brasil

*Luiza Aguiar dos Anjos*²
Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) – Campus Timóteo
Timóteo – MG – Brasil

*Bárbara Gonçalves Mendes*³
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Partindo do conceito de pertencimento clubístico, traçamos reflexões sobre fidelidade, exclusividade e imutabilidade, comumente acionadas para legitimar a relação torcedor-clube. No diálogo com quatro pesquisas, identificamos elementos que, de diferentes modos, tensionam tais aspectos. Na experiência de mulheres casadas com jogadores de futebol, encontramos uma polifiliação com diferentes nuances entre torcer para o “time de coração” e para clubes nos quais jogam ou jogaram os cônjuges: formas de torcer marcadas por diferentes intensidades e modos de engajamento. Para torcedoras organizadas, a construção do torcer próprio é permeada por relações desiguais de gênero, concessões e, até mesmo violências, que sustentam os padrões de um “torcer genuíno”. E, por fim, no caso de uma torcedora travesti, a cisheteromasculinidade atua excluindo do universo futebolístico, e o acolhimento acontece no clube rival.

PALAVRAS-CHAVE: Torcedoras. Torcer. Gênero. Pertencimento Clubístico. Polifiliação Clubística.

¹ Psicóloga, professora e pesquisadora. Mestre em Psicologia Social (UERJ) e Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP) com estágio pós-doutoral em Estudos do Lazer (UFMG). Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social do Esporte (GEPSE). Colunista no Portal Ludopédio. Produtora do Programa Óbvio Ululante (GEFuT/Rádio UFMG Educativa).

² Professora de Educação Física do CEFET-MG, campus Timóteo. Mestre em Estudos do Lazer (UFMG) e Doutora em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) e do Pensando a Educação Física Escolar (IFMG).

³ Psicóloga e pesquisadora. Mestra e doutoranda em Psicologia Social pela UFMG. Integra o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) e o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG (NUH - UFMG). Produtora do Programa Óbvio Ululante, produzido pelo GEFuT em parceria com a Rádio UFMG Educativa.

**MULTIPLE WAYS TO BE A SOCCER FAN: THINKING OF THE DIFFERENT
POSSIBILITIES OF CLUB MEMBERSHIP**

ABSTRACT: Based on a concept of club membership, we trace reflections about fidelity, exclusivity, and immutability, frequently triggered to legitimize the relation between supporters and soccer teams. In dialogue with four researches, we identify elements which, in different ways, question these aspects. In the experiences of women who are married to soccer players, we found a polyphiliation with different nuances between support “the team of your heart” and the teams in which the husbands had played or still playing: forms of supporting the teams marked by different levels of intensities and engagements. In the case of women supporters who are members in organized associations of supporters, the construction of being a supporter by themselves is crossed by asymmetrical relations of gender, concessions and even violence, that sustain a supposed genuine form of being soccer fans. And, at last, in the case of a transgender soccer supporter, the cisheteromascularity operate in her exclusion of the soccer universe, and the reception (that is part of being a supporter for her), happens in the rival team.

KEYWORDS: Women who are Soccer Supporters. Support. Gender. Club Membership. Clubistic Polyphiliation.

Introdução

O conceito de pertencimento clubístico (DAMO, 1998) é amplamente utilizado nas análises sobre o torcer e implica em um “vínculo exclusivo e imutável de um torcedor com seu clube [que] estabiliza [...] um sistema complexo chamado de clubismo, [...] um sistema articulado de crenças e de práticas que [...], numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno” (DAMO, 2007, p. 61). Mesmo reconhecendo que nem todo torcedor possua tal sentimento de intensa pertença, para Damo (2015) são esses os protagonistas da atualização do valor emocional do futebol.

Silva (2001) destaca, dentre outros elementos, que a noção de sacrifício e a expressão pública de sentimentos está presente no torcer. A presença, estar junto com o time e seus pares torcedores/as em seus momentos marcantes, sejam eles de celebração ou dificuldade, são também endossados.

Giulianotti (2012), buscando mapear e categorizar diferentes experiências torcedoras contemporâneas propõe uma taxonomia na qual define quatro tipos ideais.

Partindo da premissa de que a hipermercantilização influencia nas identidades torcedoras, os modelos elaborados partem da combinação de duas oposições binárias quente-frio e tradicional-consumidor, formando as categorias: fanático (quente-tradicional), seguidor (frio-tradicional), fã (quente-consumidor) e flaneur (frio-consumidor). Segundo o autor, a identificação mais comum não é a do modelo fanático - mais engajado e emocionalmente comprometido - e sim a do flaneur - mais afastado, tranquilo e orientado para o consumo.

De forma complementar, João Sedas Nunes reconhece a pluralidade de estados de “alma” e “pulsão” clubista e chama atenção para “o retraimento, a displicência e o alheamento” que perpassa a experiência torcedora de muitos sujeitos que coexistem junto aos de participativo e intenso vínculo clubístico.

Ao modelo muito difundido do torcedor ou simpatizante como pessoa indefectível, que sente na pele e na alma com alegria e tristeza os (in)êxitos do seu clube, devemos sobrepor um modelo mais complexo que não deixando de acomodar aquela definição, a considera tão-somente como um dos vincos que a condição de afim de clube pode revestir. No limite, esta condição poderá ir do êxtase até a indiferença perante o fado do clube (NUNES, 2011, p.4).

Pensando ainda sobre a diversidade do torcer, Souza e Antônio (2014) identificam e nomeiam a polifiliação no Projeto Brasil na Arquibancada para dizer da identificação clubística de torcedores com mais de dois clubes.

Na contramão dos autores anteriores, Costa (2020), partindo de um olhar para os circuitos não-*mainstrem*s - aqueles nos quais a espetacularização do jogo não está ligada aos grandes conglomerados televisivos - do futebol, fala sobre atitudes contraculturais no torcer a partir de grupos que se posicionam contra o que chamam de “ódio ao futebol moderno”.

Outros autores e autoras que se debruçam sobre o tema a partir das torcidas organizadas (TOLEDO, 1996; HOLLANDA, 2009; TEIXEIRA, 2003 e outros) também identificam características comuns nessa relação entre torcedores, torcidas e clubes,

enfazando a importância desses agrupamentos na constituição de um protagonismo (às vezes controverso) nesse modo de torcer.

Os estádios e seus entornos são reconhecidos por torcedores e pesquisadores como espaços privilegiados do torcer e legitimador do vínculo clubístico. Apresentando um contraponto a essa afirmativa, Silva (2019) defende que acompanhar as partidas de seu clube *in loco* é uma experiência para poucos. Dificuldades de ordem econômica, geográfica ou social podem impedir ou dificultar o acesso à arquibancada, mas nem por isso impossibilitam o estabelecimento de relações de pertencimento. Cabe destacar que na maior parte desses trabalhos, toma-se como referência homens torcedores alinhados a uma masculinidade cisnormativa⁴. É sobre esse torcer hegemônico que advêm comparações com outras experiências.

Tendo isso em vista, ao tratar das diferenças do torcer, o gênero parece ser um elemento significativo. Campos (2010) e Cardoso (2017 e 2020), tratam dessa perspectiva apontando para algumas questões importantes, pensando nessa diferença que, em nossa sociedade, produz assimetrias sociais. O primeiro deles, corroborando com o que já fora mencionado anteriormente no trabalho de Silva (2019), é sobre o *locus* privilegiado do torcer centrado no estádio. Apesar de muitas mulheres frequentarem esse espaço e o terem como referência (vide o trabalho de Campos, que se foca nessa especificidade), quando pensamos no torcer de mulheres, essa dinâmica parece se estender para bares, redes sociais, e passa por redes construídas entre as próprias torcedoras. Apesar de uma resistência e a tentativa de construção própria do torcer, há, ainda, uma reprodução e reafirmação da referência centrada na

⁴ Cisnorma, neste texto, é entendida a partir da provocação de Viviane V. (2015) sobre a adequação e a identificação com o gênero atribuído no nascimento (cisgeneridade) como um modelo a ser seguido na sociedade. Assim, sempre que o termo cis for mencionado ao longo do texto (cismasculinidade, cisgêneras, cishetero, entre outras), ele diz justamente dessa construção binária que com base na lógica genitalista que permeia a construção social dos gêneros na nossa sociedade, ditando aquilo que é possível e legítimo e ignorando uma multiplicidade de formas de performar e se colocar no mundo.

cisheteromasculinidade. Assim, alguns dilemas que já começam a se apresentar para as autoras, passam pelo pensar as especificidades da prática do torcer com base no gênero, dialogando com a proposta que procuramos apresentar neste artigo.

Partindo desse retrospecto e de pesquisas realizadas pelas autoras (MENDES, 2015; DANTAS, 2017 e 2019; ANJOS, 2018)⁵, notamos a importância de atravessamentos relacionados aos modos de vida em que o torcer é produzido, colocando em questão as características de exclusividade, fidelidade e imutabilidade no vínculo clubístico em alguns contextos. O objetivo deste texto é, assim, refletir acerca desses marcadores a partir da experiência de mulheres casadas com jogadoras, torcedoras organizadas e uma torcedora travesti. Acionamos e articulamos, assim, narrativas produzidas em trabalhos monográficos anteriores, produzindo novas análises a partir de tal triangulação. A experiência das mulheres casadas é fruto da Tese e do Relatório de Pós-Doutorado de Dantas (2017, 2019), a de torcedoras organizadas da Dissertação de Mendes (2015) e da torcedora travesti de Anjos (2018)⁶.

Sobre os trabalhos, de forma específica, em comum, há o compartilhamento de alguns procedimentos metodológicos na produção dos dados: a realização de entrevistas. Cabe destacar que alguns trechos dos dados produzidos por cada uma das autoras, bem como suas análises serão apresentados e utilizados na argumentação deste texto.

As Interlocutoras

⁵ Três dos trabalhos mencionados, a partir do qual elaboramos o presente artigo, receberam apoios financeiros. O primeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). O segundo e quarto da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

⁶ Pesquisas produzidas, respectivamente, nos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais (da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Programa Interdisciplinar de Estudos do Lazer (da Universidade Federal de Minas Gerais), Programa de Pós-Graduação em Psicologia (da Universidade Federal de Minas Gerais) e Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Por se tratar de três trabalhos diferentes, com diversas participantes, nesta seção, nos dedicamos a apresentar brevemente as interlocutoras com as quais dialogamos no presente artigo.

No caso das participantes do trabalho de Dantas (2017 e 2019), temos Luize, Monique e Natália, que manifestaram vontade de ter seus nomes explicitados nas publicações acadêmicas oriundas das entrevistas.

Luize nasceu em Palmeira das Missões (RS) e na época da entrevista tinha 32 anos. Conheceu o marido no Orkut (mídia social extinta), antes dele ir morar na cidade na qual ela residia, Porto Alegre. Antes de se mudar pela primeira vez com o marido (para Recife), trabalhava no Tribunal de Justiça e fazia faculdade de direito. Depois do casamento seu marido jogou no Grêmio, Sport, Goiás, Atlético Goianiense, Chiasso (Suíça), e, novamente, nos rivais goianos antes de chegar ao América Mineiro. Por conta disso, Luize morou em quatro cidades em nove anos, sendo oito deles em Goiás.

Monique estava às vésperas de completar 28 anos quando fora entrevistada. É mãe de uma menina de cinco anos, dona de casa e estudante de pedagogia. Casada havia um ano e sete meses com um jogador do Coimbra Sports (Contagem/MG). Contudo, o tempo de convivência juntos somava onze anos, dos quais cinco morando juntos. Se conheceram em uma igreja evangélica do bairro em que ambos moravam, na regional leste de Belo Horizonte. Seu marido é goleiro, tinha 30 anos, e jogou em todas as categorias de base do América, tendo jogado também por empréstimo a outros times do interior de Minas Gerais. Juntos moraram no bairro onde se conheceram, depois passaram 6 meses em Varginha (MG), e desde 2018 estão de volta à regional leste de BH. Nunca havia morado fora do Brasil.

Natália tinha 34 anos no momento da entrevista e dez anos de casada, sendo quase vinte de convivência. Mãe de uma menina de quatro anos, cozinheira, cursava

gastronomia e estava prestes a iniciar um estágio na área. Conheceu o esposo na época do ensino médio, estudavam na mesma sala. Por conta da profissão do marido morou em cidades do sul, sudeste e nordeste do Brasil, além de um tempo no Catar. Em meio às “andanças”, formou-se em turismo, embora nunca tenha exercido a profissão. Iniciou uma pós-graduação em planejamento e gestão de negócios, interrompida por conta de uma das mudanças. Atualmente mora em Belo Horizonte. Seu marido também é jogador do Coimbra, tendo passado por dez times nos últimos dez anos. No tempo de casados, moraram em seis cidades diferentes (em algumas mais de uma vez): Belo Horizonte, Curitiba, Recife, São Paulo, Goiânia e *Al Khor* (no Catar).

No caso do trabalho de Mendes (2015), temos como interlocutoras Fabiana, Fabíola, Fabrícia, Fernanda e Flávia. Cabe destacar que, nesse caso, todos os nomes são fictícios, a fim de resguardar as torcedoras perante as organizações das quais elas participam.

Fabiana nasceu em Belo Horizonte. Integra uma família que participa – seus pais são cofundadores – da Torcida Organizada à qual se vincula, sendo parte da instituição desde o nascimento. Residia, no momento da entrevista, também em Belo Horizonte, na região Centro-Sul; tinha 22 anos, bem como a escolaridade mencionada foi Ensino Superior Incompleto. Na torcida, era integrante de destaque, tendo em vista seu histórico na instituição. Assim, por conta da figura paterna, principalmente, ela era uma referência para os demais participantes da TO, principalmente aqueles que tinham ou pretendiam ter filhos.

Fabíola, residente da região do Barreiro em Belo Horizonte, nasceu nessa mesma cidade. No momento da entrevista tinha 18 anos e integrava a organização há um ano e seis meses, realizando trabalhos sociais em conjunto à TO, tanto na subsele da região do Barreiro, quanto na região oeste da cidade.

Fabília residia no momento da entrevista na Região Metropolitana da cidade – Ribeirão das Neves, apesar de belo-horizontina de nascimento –, tinha 25 anos e possuía ensino médio completo. Ela se vinculava à organização há 9 anos, fazendo parte da linha de frente da torcida. É importante mencionar que essa função é rara para mulheres, tendo em vista que esse grupo participa das viagens e dos confrontos com rivais. Entretanto, no caso de mulheres que participem desta função, as tarefas a serem desempenhadas ficam a cargo da decisão da diretoria, composta por homens cisgêneros.

Fernanda, nascida em Contagem, residia no momento da entrevista também nessa cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Ela tinha 24 anos e ensino médio completo. Estava vinculada à TO há 5 anos, apenas como integrante, porque a rotina de trabalho implicava em restrições na dedicação à bateria – seu maior desejo era participar dessa função, que se trata de uma atividade restrita a poucas mulheres na subsede à qual era filiada.

Por fim, Flávia, nascida e residente em Belo Horizonte. Ela fazia, no momento da entrevista, 17 anos de T.O., fazendo parte da linha de frente e da bateria. Tinha 33 anos e ensino superior incompleto. Flávia era um caso atípico na organização, realizando atividades de destaque⁷ e sendo considerada como referência para os demais integrantes por sua frequência nos jogos e atividades da torcida, bem como sua dedicação à entidade e ao clube do coração.

Finalmente, no trabalho de Anjos (2018), a interlocutora foi Marcelly Malta, cuja inclusão nome real também foi autorizado. Ela nasceu em Mato Leitão, Rio Grande do Sul, em 1951. Ela integra uma família toda de gremistas e, ainda criança, passou a também identificar-se assim. Na juventude mudou-se para Porto Alegre, onde teve a oportunidade de integrar a torcida Coligay. Anos depois, tornou-se colorada,

⁷ Mendes (2015) verificou que, nas torcidas organizadas, era raro que tarefas vistas como importantes ou de maior visibilidade fossem confiadas às mulheres.

identificação mantida até hoje. É travesti e desde a década de 1980 milita em prol dos direitos da comunidade trans. Participou da fundação e hoje preside a Igualdade - Associação de Travestis e Transexuais do Estado do Rio Grande do Sul, da qual, atualmente, é presidenta.

Em momentos diferentes do texto, as entrevistadas “entram em campo” para conversarmos sobre a fidelidade, imutabilidade e exclusividade do vínculo clubístico aos quais referimo-nos. No primeiro momento, o vínculo conjugal insere a possibilidade de polifiliações clubísticas; no segundo, o controle e reconhecimento modulam o vínculo das torcedoras organizadas tanto com o clube, quanto com a própria torcida, implicando em uma necessidade de adequação para legitimação do torcer; e, no terceiro, pensamos essas noções a partir de um torcer não tão imutável assim.

Polifiliações Clubísticas

Em estudo sobre a racionalidade neoliberal no futebol e seus impactos na vida de jogadores profissionais (DANTAS, 2017) e o lazer de mulheres casadas com jogadores de futebol profissional (DANTAS, 2019), chamou a atenção da autora as especificidades que marcavam as relações que se estabeleciam nas arquibancadas entre torcedoras/es e as equipes, e também entre as esposas e o time no qual jogavam os seus maridos.

Na primeira pesquisa, foram acompanhados alguns jogos do Audax Esporte Clubes, clube que se originou em 1985 sob o nome de Pão de Açúcar Esporte Clube, como projeto social de uma empresa de comércio varejista brasileira e que em 2011 foi objeto de reposicionamento de marca e em 2013 vendido aos donos do Grêmio Esportivo Osasco - passando a chamar-se Grêmio Osasco Audax. Sendo acompanhadas

por Dantas (2017) algumas partidas do time de futebol masculino na Série A2 do Campeonato Paulista, em 2013, e, em 2014, na Série A do mesmo campeonato.

Na segunda pesquisa referida, foram entrevistadas mulheres cujos cônjuges trabalhavam no *Coimbra Sports*. O clube fundado em 1986 como amador, em Nova Lima (MG) se estrutura como empresa desde 2006, passando desde então a estabelecer sede em algumas cidades mineiras como Uberlândia, Belo Horizonte e, mais recentemente, Contagem. Na época que conversei com as interlocutoras, o Coimbra subia do Módulo II ao I do Campeonato Mineiro.

Em comum, os projetos dos clubes envolvidos nas duas pesquisas tinham uma estrutura não em uma base de relações associativas, primordialmente, mas sim de negócios. Clubes de estrutura profissional, com jogadores profissionalizados, mas sem grande expressão midiática e torcidas formadas não por uma relação de pertencimento clubístico de longa data, como é comum em clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro, mas sim atravessadas por relações outras de trabalho.

Era identificável, naquela primeira ocasião, um perfil genérico de “torcedores familiares” e “torcedores da cidade” (DANTAS, 2017, p.158), compondo grande parte dessas diminutas torcidas, “pessoas que já estão ou estarão em outras arquibancadas amanhã conforme a mudança de emprego de um jogador ou de outros funcionários. Torcedores dos jogadores, mas também de seu empreendimento” (DANTAS, 2017, p.155).

Ao acompanhar os jogos dos times nos quais os atletas trabalhavam, a presença de mulheres nas arquibancadas, esposas e namoradas dos jogadores, foi algo marcante. Algo para o qual Lewczynski (2010) também aponta, dizendo que algumas mulheres casadas com jogadores vão aos jogos sempre que possível.

Embora torcer para o sucesso profissional dos parceiros afetivos não seja algo raro em outras profissões, no meio esportivo isso ganha algumas especificidades/peculiaridades. A partir das vivências de Natália, Luize e Monique, Dantas (2019) identificou modos distintos de lidar com o torcer e o pertencimento clubístico que dissonam de sua concepção clássica de fidelidade, exclusividade e imutabilidade.

Ao conversar com as interlocutoras, a autora aponta mudanças que aconteceram na relação dessas mulheres com o futebol após o casamento. Para Natália, que nunca fora fiel a um clube, por não gostar muito de futebol como torcedora, o torcer pelo time no qual o marido está empregado nunca foi motivo de mudanças nas suas relações anteriores com o torcer:

Ah, sinceramente, depois que a gente tá no futebol, **a gente não tem, assim, amor por um time.** Eu já fui **cruzeirense**, minha família por parte do meu pai é muito cruzeirense. Atualmente, vamos dizer assim, aqui em Minas **eu torço pelo Galo.** Mas agora, minha filha, é Coimbra, né? [risos] **É Coimbra na certa, não tem outro.** Eu tenho **muita simpatia pelo América,** então, assim, **eu não sou uma torcedora. Eu não tenho carteirinha de time mesmo,** porque eu nunca fui, dá para ver, eu nunca fui vidrada em futebol. E com essa coisa da gente viver, saber, **ver aquilo ali como uma profissão e não como um coração,** que é o torcedor, né? Que vê muito com a emoção... Então eu não consigo, assim, ter esse amor. Tenho muita gratidão mesmo pelo futebol, pelo o que a gente viveu, foi muito bom, né? Mas **eu não consigo ter essa paixão não** (Natália, grifos nossos).

Na narrativa de Natália, percebemos que sua relação com o futebol foi predominantemente marcada pelo envolvimento com o marido, uma vez que declarou não conseguir sentir paixão por um clube, embora tenha torcido por alguns durante a vida. Contudo, ela aponta mudanças do seu torcer depois do casamento, por passar a ver o futebol, primordialmente, como um trabalho. Dinâmica similar acontece com outras namoradas/esposas de jogadores (DANTAS, 2017).

Natália só torce mesmo para o marido. Já Monique, bastante identificada com o Clube Atlético Mineiro, concorda que após o casamento, “tudo é futebol, mesmo”, disse

sorrindo. Algo também expressado por Luize, gremista que, passou a torcer, também por um dos times nos quais jogou o marido:

Acompanho [os jogos do Grêmio] e **vejo, torço, faço ele torcer comigo** [risadas]. Mas aí também tem time que ele foi bem, né? **Tem um time lá de Goiânia que é do coração dele, aí a gente torce.** A gente sempre fica nessa (Luize, grifos nossos).

Monique e Luize reconhecem essa dimensão do torcer para o time no qual trabalha ou trabalhou o marido, mas não abrem mão de torcer para os seus “times do coração”. Os pais se conheceram em um jogo do Grêmio e sua relação com o clubismo remonta à infância. Anos mais tarde, Luize e Junior começaram a namorar quando ele jogava no clube, apesar de terem se conhecido pelo Orkut anteriormente, quando ele ainda morava em Alagoas. Contudo, ambos também acompanham e torcem para outro time pelo qual ele jogou anteriormente.

[...] **Eu gostava muito de futebol, sempre gostei.** Meu pai e minha mãe se conheceram na final de uma Libertadores que o Grêmio ganhou, em [19]83, com Renato Gaúcho. Aí eles se conheceram lá e foi, ó, quatro meses a mãe se casou com meu pai. Então foi uma coisa muito louca [risos]. [...] E aí, quem trouxe ele [o marido de Luize] foi o Renato Portalupi. E foi muita coincidência. E quando ele foi para lá, eu fui ver [...] [e disse:] “você faz gol em Gre-Nal”, que é o clássico, “faz gol que vai ser muito bom pra ti”. E eu falei isso desde quando eu conheci ele. Acabou que ele fez três gols em três jogos. Mas foi assim, até hoje lembram dele. Na época chamavam ele de “homem Gre-Nal” por causa disso, dos gols, sabe? Acho que de tanto eu ficar na cabeça [dele] [Risos]. E acabou que a gente ficou junto (Luize, grifos nossos).

Luize fala sobre o futebol, ainda, como tema recorrente nas conversas com o marido, inclusive assistindo aos jogos, tanto *in loco* como pela televisão, e opinando sobre o desempenho dele em campo:

Assisto e sofro, sofro. Porque daí eu vejo e não consigo separar. Eu sofro, eu não consigo olhar. [...] E como eu sei um pouco de futebol e sou muito faladeira. Eu não consigo ver [o jogo] e não dar palpíte. Isso é bom e ruim. Porque eu entendo e aí eu sei quando [ele] tá bem e quando tá mal. Aí ele chega e eu falo. **E isso foi uma questão que prejudicou muito [o relacionamento], sabe? Porque eu acabava falando quando ele jogava mal.** Quando tá bem, tá bem, quando tá ruim que é o problema [risos]. Então isso é bom e ruim. Acho que é melhor ser leiga e não saber nada [risos] (Luize, grifos nossos).

Luize expõe a problemática de seu saber sobre o futebol ser motivo de incômodo na relação. Sobre ir nos jogos do marido no estádio, ela disse não gostar, embora vá em algumas ocasiões, pois ser identificada como esposa de jogador já lhe trouxe problemas nesse ambiente, por conta de torcedores que se aproximam dela para “cornetar” o jogador.

Por sua vez, para Monique, o esporte se configura como um momento de divertimento em casal, pois gostam de assistir aos jogos televisionados de campeonatos profissionais ou amadores. Ela relata essa vivência de maneira harmônica. Além disso, ela vai aos “jogos do marido”, sempre que possível, às vezes viajando, e ouvindo no rádio quando não há transmissão pela TV. Também disse ir aos jogos do Atlético, time para o qual torce. Mostrando a importância que atribui ao clubismo, diz que escolher entre o marido e o Atlético não é tarefa fácil.

Eu não sei se todas as esposas são assim, mas eu gosto bastante [de futebol]. [...] **Torço para o Atlético.** [...] Só que aqui em casa a gente vê muito futebol... Acho que acaba que a gente faz muita companhia no lazer também, que você tá falando aí, pode ser no lazer também, né? **A gente vê muito futebol, qualquer jogo que tiver passando.** Se tiver várzea, se tiver... tudo. **Todos os campeonatos.** A gente assiste futebol, muito (Monique, grifos nossos).

Diferentemente de Natália e Luize, Monique gosta bastante de ir ao estádio, seja para ver o seu “time de coração”, seja para ver jogos nos quais participa o marido ou outras partidas, como disse. Mesmo que acompanhar os jogos do marido nem sempre seja algo fácil:

Todos que eu posso ir, que dá para ir, eu sempre vou. Igual, às vezes, é em outra cidade, às vezes é lugar mais longe, aí tem que sair daqui. E como eu não tenho carteira [de motorista], às vezes para mim fica mais complicado de ir. Aí tem cidades que às vezes não dá. Mais assim, aí, é o tempo que eu tô aqui [em casa] eu tento achar pela internet para eu assistir. **Não deixo de acompanhar de jeito nenhum. Do jeito que der para acompanhar.** Porque antigamente tinha time que era só rádio. Aí você tinha que procurar a rádio para poder ouvir. Não transmitia [pela TV] né? Então assim, mas eu sempre... eu acompanho mesmo. Gosto (Monique, grifos nossos).

Se Luize já teve seu esposo como jogador do “time de coração”, Monique passou pelo oposto, assistindo ao marido jogar contra: “Assim, **é difícil, mas eu torço para ele**, independente de qualquer coisa. Eu tenho que deixar de lado porque é meu marido que tá ali, né? É bem complicado, mas eu torço para ele mesmo”.

Enquanto o discurso de Natália delimita bastante as diferenças da sua relação com o futebol, com o marido e com o clubismo, Luize é a que menos estabelece fronteiras entre seu clubismo, a relação com o marido e com o futebol de maneira geral. No caso de Monique, essas fronteiras se dissolvem de maneira diferente das demais, pois o seu gosto pelo futebol não conflita, aparentemente, com o trabalho do marido, nem traz inconvenientes na hora de acompanhar os jogos, sejam do seu “time de coração”, seja os nos quais atua o cônjuge.

Embora marcadas, cada uma à sua maneira, pelo torcer, as três interlocutoras apontam para os efeitos do casamento neste vínculo com “o clube do coração”, a princípio incontestes. Ao mesmo tempo em que após se casar com o jogador “tudo é futebol”, o afastamento do torcer mais tradicional - vinculado a um único time -, em direção a outros, marcados por relações de trabalho e pela conjugalidade, acontecem.

Campos e Toledo (2013) identificam a bifiliação clubística como uma possibilidade de pertencimento clubístico que coexistem, ao se afastarem de “[...] um modelo mais hegemônico de futebol, já em vias de se tornar um espetáculo silencioso, branco, rico e consumista” (SOUZA; ANTÔNIO, 2014, p.2). Diante da multiplicidade de torceres admitida após o relacionamento com um jogador e o laço conjugal que fideliza torceres diferentes, podemos pensar, nesses casos, em uma polifiliação clubística, ainda que a relação com cada um dos clubes tenha marcas e intensidades diferentes, que apontam para outras formas de relacionar-se com o futebol e não configuram, para elas, uma traição. Há uma conjugação dos sacrifícios, com

intensidades diferentes, no torcer pelo marido e para continuar torcendo para o seu clube.

Controle e Reconhecimento

A participação de mulheres no futebol brasileiro como um “ser-que-torce” (COSTA, 2006, p.1), vem se tornando cada vez mais expressiva em diferentes meios pelos quais o torcer se manifesta. Isso se torna destacável, na medida em que o futebol não se configura como elemento fundamental da socialização feminina e, porque, tendo em vista os elementos constituintes destas normas de gênero que norteiam o “ser mulher”, há um desconforto e uma pressuposição de que as torcedoras não são as pessoas mais aptas a falarem sobre futebol. Dito de outra maneira, o enquadramento construído da feminilidade, que não concebe o futebol como um elemento constitutivo, bem como o enquadramento do torcedor ideal não concebe a feminilidade cisheteronormativa.

Em contrapartida a essa negação fundamental, há a uma necessidade de reenquadrar a mulher que desafia as normas na sua feminilidade. E, deste modo, conforme mencionado por Campos (2010), aquelas mulheres que se dispõem a se inserir nesse reduto da cismasculinidade, são encaradas como adorno para o espetáculo futebolístico.

No caso das torcedoras há, com muita frequência, a busca pela ruptura com essa lógica de reificação, bem como por superar o estereótipo da “Maria-chuteira”, tão presente no contexto futebolístico. Ambas as construções vinculadas à feminilidade, deslegitimam o torcer e, também, perpassam a vinculação com o clube, sendo uma questão própria das lógicas de gênero no contexto futebolístico. A segunda pesquisa mencionada neste texto se dedica a problematizar a multiplicidade do torcer com o olhar

voltado para as mulheres inseridas em torcidas organizadas de futebol em Belo Horizonte e região metropolitana, no estado de Minas Gerais.

As mulheres torcedoras de organizadas, apesar de vinculadas à uma organização que lhes garantiria supostamente um maior status no contexto do futebol, são, antes de tudo, mulheres. Assim, na tentativa de afastar os fantasmas postos ao torcer feminino, se reivindicam como autênticas, na comparação com “torcedores comuns”, homens e/ou mulheres vinculados ao mundo do futebol. Na disputa por esse torcer ideal, elas se definem como “guerreiras”, “determinadas”, “comprometidas” e “fiéis ao clube e à torcida” (MENDES, 2015, p.149), características também mencionadas ao dizer dos torcedores homens cisgêneros, companheiros de organização. Há, assim, uma disputa posta em relação a um torcer tido como ideal hegemônico que passa pelo gênero e, em certa medida, por uma lógica de polifiliação institucional. E, ainda que elas não se enquadrem a priori no modelo de torcer, que se relaciona diretamente a cisheteromasculinidade, constroem trajetórias próprias na sua paixão pelo clube e pela TO na busca por reconhecimento. Na fala de Fabrícia: “É um mundo [de] muito machismo, moralismo... tem que ‘dá porrada’, digamos assim! Você tem que ‘bater’ todo dia, né? ‘Eu quero tá aqui... eu quero tá aqui!’”.

Isso se dá em certa medida porque a participação das mulheres em espaços públicos sempre se deu de forma controversa: às vezes numa lógica de obrigatoriedade e por vezes numa reprodução de dinâmicas do privado (no caso do futebol, podemos mencionar a acompanhante – esposa/namorada; a mãe que vão ao estádio numa lógica de cuidado e dedicação com o outro, por exemplo). É fato que tal cisão entre público e privado é meramente didática, já que a linha que separaria tais âmbitos é bastante tênue. Entretanto, dentro dessa construção da feminilidade cis-hetero, supramencionada, às mulheres são delegadas algumas funções que dialogam majoritariamente ao espaço da

casa. Como exemplo disso, podemos trazer o cuidado consigo e com os outros. Carson (1995) menciona uma tríade a partir da qual se forjam as identidades femininas nessa lógica: maternagem, casamento e trabalho doméstico. A mulher, assim, é um ser voltado para o outro, e este outro parece ser muito bem delimitado em uma dinâmica da vida privada.

Isso é reproduzido na experiência de torcedoras filiadas às TOs, na medida em que suas funções acabam sendo definidas por outros torcedores – a diretoria, composta por homens cisgêneros:

Não é fácil, principalmente essa questão do machismo, e tal... [...] Eu quero ir pra torcida pra ajudar na arquibancada, só que ai quando eu chego lá, **a primeira coisa que eles me dão de serviço, é arrumar a sede. Num vou lá ficar arrumando sede. Eu posso até ajudar, mas não porque eu sou mulher e tudo mais.** Nós vamos fazer junto, mas **não é porque eu sou mulher, que vou ficar arrumando, limpando, cozinhando e coisa e tal** (Fabrícia, grifo nosso).

Seguindo essa máxima do controle das funções por meio do gênero, como uma atualização do que acontece nas dinâmicas sociais mais amplas, temos ainda o controle dos corpos e da participação dessas mulheres, a fim de exigir delas uma conduta de torcedoras genuínas:

E teve um problema também, que no carnaval desse ano eu peguei um menino em Itabirito, e ele era da rival aqui do barreiro. E os menino descobriram... **Cê fosse tipo há dois anos atrás eu teria sido expulsa na hora,** só que ai até eu explicar que eu não sabia e que era carnaval... só que ai [o relacionamento] não rendeu mais não. **E ai eles olharam no meu face, mas viram que não tinha ele mais, que eu não converso com ele mais, ai num rendeu mais. Ai eles falaram que num podia ser assim não, preu ficar esperta.** Mas foi só isso. **Não pode pegar cara da rival. Não pode de jeito nenhum.** (...) Não pode pegar cara da Organizada rival. Não pode de jeito nenhum. Fodas se você não conhecia, se você não sabia (Fabíola, grifo nosso).

Eles fala que a gente, tipo assim, que lugar de torcida... primeiro que as vezes eles fala assim, mulher na arquibancada [já chama a atenção]. E outra coisa que eles fala é que [com estas roupas] vai chamar mais a atenção. **Vou ir com um corpão e tal e pá. Eles num quer isso na torcida eles quer ir lá pra cantar e apoiar o time os 90 minutos. Não ir de shortinho desfilar (...)** **A gente só pode ir de calça jeans ou legging,** como é que você pula, de calça jeans? Eu acho muito desconfortável. Ou se não é legging preta. Ai cê fica lá com aquela legging preta, não aguentando mais, coçando e tal... mexendo... ela grudando... cê nem consegue tirar mais (Fabíola).

Ainda no que tange às vestimentas, Fabíola menciona que a possibilidade de fazer vestidos da torcida também foi barrada pela diretoria, tendo em vista que eles seriam muito curtos.

Tudo o que fora supramencionado passa por concessões a esse torcer feminino, que deve se afastar dos estereótipos da feminilidade que passam por certo descontrole - cabendo assim o controle ser exercido externamente, por homens -, bem como pela necessidade de distanciamento do mito da “Maria-Chuteira”. Essa dinâmica de inclusão perversa que se pauta numa legitimação de posturas machistas acaba construindo uma lógica de comparação e culpabilização entre mulheres, na reafirmação desse torcer comprometido:

com mulher que vai com salto pro estádio. Eu fico indignada! **Dá uma vontade de bater, sem brincadeira. (...) Eu odeio mulher que fica falando de jogador bonito! Eu odeio! (...) Nossa senhora, eu não suporto isso.** Beleza... é lógico que tem um momento ou outro de descontração, mas tem gente que só fala que o cara é bonito. Eu até briguei com uma mulher em um jogo. Tinha um goleiro novinho, lembra? Ele realmente é bonito e tal. Só que na hora do jogo não é hora pra você falar que o cara é bonito (Fabrícia, grifos nossos).

Ela [Maria-Chuteira] **não se valoriza...** Jogador de futebol, assim, eles acham que eles são rei, né? Ai a mulher ainda faz tudo que eles querem... **não se valoriza. (...) Não tá certo** (Flávia, grifos nossos).

Apesar de uma constante sujeição, Mendes (2015) destaca, em consonância ao que fora mencionado por Campos (2010), que apesar de uma inserção mediada por figuras masculinas, o torcer de mulheres é construído por trajetórias próprias no contexto futebolístico, inclusive nas TOs. Algumas mulheres são inseridas na lógica do torcer por seus pais, seus irmãos, amigos, tios ou até mesmo relacionamentos afetivo-amorosos, mas traçam seu percurso dentro e fora das torcidas de maneira muito própria reivindicando seu espaço nesse contexto. Faz-se importante pensar sobre essa construção da mulher torcedora, tendo em vista que tanto o gênero quanto esse “ser-

mulher-que-torce” são lidos de maneira essencializada⁸. Segundo uma concepção cisheteronormativa, a feminilidade é naturalizada com base em algumas características desejáveis que ignoram ou se sobrepõem à diversidade das mulheres (CARSON, 1995).

Sendo assim, mulher torcedora seria por si só, uma contradição ambulante, já que o torcer nega a feminilidade e a mulheridade não suportaria um ser torcedor. Nas palavras de Fabíola um dos pré-requisitos para se filiar à TO é ser: “uma **homenzinha**. Se eles falam que torcida é pra **meninas machinhas**, então eu acho que eu sempre fui uma, eu sempre gostei **desse trem de adrenalina, de porrada e tal, mas aí, sempre gostei...**” (Fabíola, grifos nossos).

Tendo isso em vista, há uma tentativa constante de preservação de uma feminilidade e da heterossexualidade compulsória, tanto na família, quanto na torcida. Flávia evidencia isso na sua relação com seu pai no processo de perceber sua inserção na torcida organizada da qual participava até o período da entrevista. Ele, que incentivava a participação da filha no contexto esportivo, ao se dar conta da intensidade daquele torcer - atitude não esperada dessa suposta feminilidade hegemônica -, se afasta dos estádios na esperança de que ela o acompanhe. Entretanto ele não contava com a vinculação ao tio nesse momento de transição entre o torcer comum e o torcer organizado. Por mais que Fabíola estivesse, a todo tempo, negociando sua feminilidade e sua inserção na TO, por meio de adequações e rupturas com as normas, é importante destacar que há uma impossibilidade de enquadramento total nos modelos de feminilidade propostos pela família ou à “masculinidade” exigida para ter seu torcer legitimado. Deste modo, tendo essa dupla não-correspondência, ela constantemente é

⁸ Isso também acontece quando o torcer ideal é vinculado às cismasculinidades sem entender as diferenças que implicam ser homem cisgênero torcedor. Há atravessamentos não contemplados por essas essencializações, como raça, classe, sexualidade, e que são fundamentais para a compreensão dos sujeitos e suas práticas.

posicionada por estes atores num lugar menor e de estranhamento, vivência recorrente para muitas mulheres em contextos públicos, como é o caso das torcidas organizadas.

No caso de Fabiana, que é torcedora referência por fazer parte da torcida desde o seu nascimento, há, para além dessa inserção histórica, outro motivo para ser uma liderança para as demais. Ela diz ser a “princesinha da torcida” em determinados momentos da entrevista. E para isso cabe uma dupla interpretação: o pai, por fazer parte da fundação da organização à qual é filiada, seria o rei; ou, por ser uma mulher cisgênera branca, que se enquadra nos padrões de beleza, ela corresponde à feminilidade esperada, inclusive no enquadramento das normas estabelecidas pelos homens da diretoria. Não se trata aqui de negar a agência ou mesmo eventuais subversões de Fabiana, supondo uma adequação total e resignada à padrões sociais, mas de reconhecer que sua expressão de gênero - juntamente ao atravessamento da questão racial e toda a sua história de vinculação institucional -, era interpretada no universo da torcida sob o signo da “princesinha”.

Parece, assim, haver um pânico moral de que as mulheres adquiram “características atribuídas às masculinidades” nessa prática, bem como da possibilidade de se assumirem lésbicas. Isso, porque como adornos e seres à disposição da cismasculinidade heterossexual, há a um status em que as “nossas” (torcedoras) sejam mais bonitas que as do rival, numa lógica de espetacularização da feminilidade desejável. E, ao alcançar esse patamar, numa lógica um tanto paradoxal, novas vigilâncias cotidianas (auto e heterodirigidas) se colocam para essas mulheres, como as supramencionadas relacionadas aos corpos e às práticas afetivo-amorosas.

Desse modo, as normas de concessão apresentadas se referem a um controle das mulheres no contexto do futebol e das organizadas, mais especificamente. Essas expressões do machismo cotidianamente atravessam o “ser-mulher-que-torce”, levando

à aceitação, internalização e reprodução de tais dinâmicas opressivas. A necessidade de pertença e de legitimação respalda tais noções, que são, em alguns momentos percebidas pelas integrantes de TOs, numa dissonância com seus objetivos. Esse incômodo acontece principalmente quando elas olham para as funções que desempenham e desejam desempenhar na torcida, bem como os jogos que elas frequentam e gostariam de frequentar. Já que todas essas participações são estabelecidas pela diretoria sem consultá-las.

Os vetos a determinadas práticas e a impossibilidade de escuta dessas mulheres em cargos que representam certo poder institucional, passam pela indisposição de vários homens em respeitar uma hierarquia quando há o gênero como atravessamento. Nesse caso acontece a máxima da “condição social opressiva [vivida pelas mulheres] pelo fato de viverem em uma sociedade [cis]patriarcalmente estruturada e em uma cultura que a permanentemente legitima (CARSON, 1995, p. 198), que é atualizada no contexto do futebol.

Fabília, que é uma torcedora atípica, nesse contexto e já teve envolvimento com a direção de subseleção, bem como “puxando região”⁹, menciona a dificuldade que é o diálogo com os torcedores homens cis: “É muito complicado, é muito difícil... questão , machismo e demais... **‘ai, é mulher, e ela vai mandar ni mim e tal...’... eles não aceitam**” (Fabília, grifo nosso).

E assim, as mulheres são restringidas no seu torcer, mesmo nesse caso em que a prática assume certa legitimidade por vinculação à uma torcida organizada. O torcer ideal sustenta uma série de hierarquias que passam pelo gênero e que delegam a responsabilidade de lidar com dinâmicas aversivas a quem sofre com elas: as mulheres torcedoras. Entretanto, há casos em que essas situações de controle, opressão e violência

⁹ Convocar e se responsabilizar pelo encontro e reunião dos membros para jogos e viagens.

tomam proporções exacerbadas, como mostra Menegotto (2011). Ao tratar de torcedoras gremistas, a autora destaca que no caso de situações extremas a mudança de torcida aparece como uma possibilidade, bem como a desvinculação das TOs. Ainda que não tenha acompanhado casos de mulheres cis em que haja a mudança de pertencimento clubístico, a desvinculação do mundo do futebol é identificada como uma possibilidade real e torcedora, cada vez mais, acaba se tornando uma palavra que parece inventada (MENDES, 2017).

Um Torcer nem tão Imutável Assim

A última, mas não menos importante, experiência evocada neste texto é de uma travesti. A trajetória de Marcelly foi conhecida por ela ter integrado a Coligay, tema da tese de Anjos (2018), um dos trabalhos que tomamos como base neste artigo.

Diferentemente de mulheres cis, que negociam sua presença e legitimidade no futebol em meio às subjugadas condições de adorno ou interesseira, e sob normas e vigilâncias, às travestis e transexuais, supõem-se e impõem-se a ausência.

Sabe-se que para muitas travestis, a relação com o esporte, sobretudo a partir da Educação Física Escolar¹⁰, remete às experiências de angústia, sofrimento e rejeição (SILVA, 2009; FRANCO, 2016). Nessas práticas, há insistente e violenta imposição da adequação dos sujeitos a padrões binários definidos pela biologia de seus corpos. E o futebol, em especial, serve como instrumento de reafirmação e pedagogia da masculinidade prevista àqueles definidos como meninos¹¹. Sendo a modalidade

¹⁰ A disciplina é identificada como um dos principais obstáculos que as leva a desistir da escola (o que entendemos como uma expulsão), junto a impossibilidade de uso do nome social e uso do banheiro (SILVA, 2009; FRANCO, 2016).

¹¹ Essa pedagogia mostra efeitos mesmo no universo daqueles que escapam à norma cisgênera e heterossexual. Entre as diversas equipes de futebol formadas por LGBTQI+ que têm emergido no Brasil nos últimos anos, são predominantes as formadas por homens gays. Também entre as equipes que reúnem pessoas trans, as de homens trans são predominantes. Ademais, sem negar a relevância da criação de tais espaços e grupos, também neles são reproduzidas e valorizadas performances pautadas em padrões hegemônicos de masculinidade (SANTANA; GARCIA, 2019).

símbolo, no Brasil, dessa masculinidade normativa, o apreço de uma travesti pode soar improvável.

Mas apesar da invisibilidade e repulsa manifesta no universo futebolístico aos corpos que escapam aos referenciais cisheteromasculinis, nem sempre isso resulta no desgosto e afastamento desses sujeitos do esporte, como é o caso de Marcelly.

Seu interesse pelo futebol começou na infância. Não jogava, mas gostava de assistir. Tornou-se gremista por influência familiar, tal qual acontece com a maioria das pessoas com alguma filiação clubística (DAMO, 1998; SILVA, 2001; CAMPOS, 2010). Ela nasceu no município de Mato Leitão (RS) e, na juventude, mudou-se para Porto Alegre. A princípio, isso lhe oportunizaria acompanhar o clube no estádio, uma vontade que tinha. Mas se a distância geográfica deixava de ser um problema, por já ser identificada como travesti, tinha medo de ser alvo de violências.

A sensação de segurança necessária veio com a Coligay. Criada em 1977, era uma torcida que reunia gremistas LGBT+, alguns dos quais eram amigos de Marcelly. Sabendo de seu gosto por futebol e pelo Grêmio, a convidaram para integrar o grupo. Aceitou o convite de amigos gays para integrar a torcida, mas ainda sob apreensão.

Negócio de futebol muitas vezes é a questão da violência, entendeu? Que naquela época já existia, hoje é maior, mas naquela época era muito grande na questão de tua... de tua sexualidade. Os gays não eram vistos com tanto preconceito, mas as travestis eram vistas como marginais, como marginais da sociedade (Marcelly).

Na época, Marcelly trabalhava na prostituição – até hoje, uma necessidade para a maioria das travestis e transexuais¹² –, o que ampliava a situação de vulnerabilidade que vivia. Sob o argumento da “contravenção penal de vadiagem”, era alvo constante de

¹² Segundo estimativas apontadas pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 90% das travestis e transexuais brasileiras trabalham na prostituição e tem essa ocupação como principal fonte de renda. Para saber mais, basta acessar o Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017, produzido pela mesma organização.

prisões arbitrárias¹³: “a gente era presa praticamente todo dia, na prostituição. E durante o dia tu não podia sair porque [...]. Da maneira de vestir roupa feminina a gente não podia porque já era considerada vadiagem”. Além disso, mesmo em alguns guetos homossexuais, havia rejeição a elas. Marcelly cita, por exemplo, que havia boates gays em que travestis eram proibidas de entrar ou outras que cobravam entradas mais altas para esse público.

Porém, foi surpreendida. No estádio, não se recorda de ter sido alvo de preconceito. Pelo contrário, destaca que o grupo era aplaudido e elogiado. Tinha uma boa relação com outros/as torcedores/as e torcidas organizadas, e até mesmo com os jogadores do Grêmio. “Circulava por tudo que é lugar sem problema nenhum. De sofrer agressões, de sofrer dentro do estádio do Grêmio, nunca senti isso! Preconceito, discriminação [...]” (Marcelly).

Suas narrativas sobre o futebol, em especial sobre o período junto à Coligay, não perpassam elementos como dedicação e sacrifício, focando na diversão, como ilustram os trechos: “a gente ia porque era um fervo” e “a gente ia mais por causa dos amigos que a gente encontrava, as pessoas que a gente encontrava nessa torcida”. A Coligay é recorrentemente definida por ela como uma festa.

A explicitação das rupturas ao padrão de gênero e sexualidade da Coligay, em especial em suas manifestações extravagantes, eram motivo de desconfiança sobre a veracidade do vínculo de seus membros com o Grêmio (ANJOS, 2018). Os acusadores supunham que o ambiente de alegria e diversão poderia ser o único motivo que atraía o grupo, como se a diversão não estivesse também presente na experiência dos demais torcedores no estádio, organizados ou não. Trata-se de uma visão embasada na crença

¹³ A aplicação dessa contravenção dependia da subjetividade dos investigadores que, não raro adotavam como alvos preferenciais gays, lésbicas e, sobretudo, travestis (VIEIRA; FRACCAROLI, 2018; OCANHA, 2014). Lembro que Marcelly remete a um período no qual o país estava sob o controle ditatorial dos militares.

que o interesse pelo futebol é natural e esperado entre homens cis e heterossexuais, mas improváveis entre outras pessoas. A dedicação do grupo ao longo do tempo foi levando ao fim essa desconfiança.

Como entre outros/as componentes, para Marcelly, a participação na Coligay foi motivo de orgulho: por integrar uma torcida grande, organizada, espetaculosa e que era valorizada e elogiada por tantos/as outros/as torcedores/as. Há uma evidente importância atribuída a tal reconhecimento: “o mais gostoso dessa torcida, pra mim, foi tu conhecer pessoas, as pessoas vêm falar contigo, te elogiar, te parabenizar, aquela coisa toda”.

Mesmo assim, ela acabou saindo da Coligay, em função da dificuldade de conciliar sua participação com o trabalho que exercia na época, na prostituição. Ela conta que saía a noite para trabalhar, em seguida ia para a boate e, de manhã, já seguia junto com a torcida para o estádio. Com o tempo, as seguidas noites sem dormir foram se tornando mais cansativas, ela foi reduzindo a frequência com que ia aos jogos, até que parou de ir em definitivo. Também contribuiu com o abandono a preferência por outras alternativas de lazer, talvez mais compatíveis com sua rotina.

Fica evidente que seu interesse pelo futebol e por torcer pelo Grêmio não era tão intenso a ponto de semanalmente priorizar essa diversão. Sua relação com o clube também pode ser ilustrada na fala em que ela compara seu pertencimento com o da amiga e também integrante da Coligay Joanita:

[...] ela era **doente** pelo Grêmio, nossa, ela era muito doente. Eu era, assim, uma torcedora, mas não era de chorar, de gritar, espernear. Isso nunca fui, pra nenhum time. Acho que não vale nem a pena. Mas eu me lembro dela, que ela era assim muito. Ela brigava por causa do Grêmio, ela chorava desesperadamente quando o Grêmio perdia. Eu não, ficava naquela, na minha (Marcelly, ênfase da entrevistada).

Marcelly descreve Joanita como uma típica torcedora fanática, alguém cujo humor está intimamente relacionado à situação que vive seu clube e cujas

demonstrações de emoção diante do que ocorre com ele são intensas. Suas manifestações, por sua vez, demonstram certa indiferença e racionalidade: agir daquele modo “não vale[ria] nem a pena”.

Tendo um vínculo clubístico aparentemente frágil, alguns anos após sua participação na Coligay, Marcelly passou a frequentar um bar ao lado do Ginásio Gigantinho, propriedade do Internacional, motivando-a a trocar de clube. De forma simples e objetiva, ela explica a mudança: “tinha um bar vermelho e branco onde todas as travestis iam e eu me senti mais acolhida”.

Ao converter-se ao rival, sobretudo em idade adulta, Marcelly rompe com um princípio basilar e estruturante do clubismo: a fidelidade. Tal atitude é amplamente mal vista entre torcedoras/es de futebol, sendo interpretado como traição, falha moral. Sobre isso, Damo (1998, p.83) discorre:

Se “virar a casaca”, como é popularmente designada a mudança de clube, é desaconselhável, tanto mais grave é o fato de trocar o Grêmio pelo Inter, ou vice-versa. Como se aprende com o pertencimento clubístico, é preferível ser sofredor a ser infiel. De mais a mais, gremistas e colorados sabem que estão “brincando” de “montanha-russa”, como se refere Luis Fernando Veríssimo [...]. Ou seja, pouco adianta mudar de clube se de um momento para outro poderá haver uma total inversão das performances. Mudar outra vez? E quantas serão necessárias? Como justificá-las sem arranhar a credibilidade e a honradez?

A citação anterior pressupõe que o único motivo para um torcedor “virar a casaca” é a má fase. O caso de Marcelly mostra que não. Mesmo com grandes vitórias do Grêmio ao longo da década de 1980, ela passa a torcer pelo seu rival diante da receptividade junto a outras travestis num ambiente colorado.

Se entre torcedores é improvável que qualquer argumento seja aceito para trocar de clube, sobretudo entre arquirrivais, os motivos aqui, ao menos para o exercício que propomos nesse artigo, merecem ser considerados. A aproximação de Marcelly com o Grêmio, via Coligay, e com o Inter, por meio do “bar vermelho e branco”, indicam que suas escolhas clubísticas passam menos pelo crivo da fidelidade e mais (ou, ao menos,

também) pela receptividade no ambiente futebolístico, implicada à sua travestilidade (ANJOS, 2018).

Reiteramos que o futebol é uma modalidade em que parâmetros cisheteronormativos presentes em toda a sociedade são especialmente endossados e valorizados. Tal construção faz com que ele sirva até mesmo como instrumento para posicionar os corpos de travestis e transexuais junto ao universo da masculinidade, conforme observou a pesquisadora Bárbara Gonçalves Mendes ao mencionar falas direcionadas às travestis e transexuais em Belo Horizonte, como, por exemplo: “João, hoje tem pelada?”. A pesquisadora mencionou, também, ter tomado conhecimento de duas travestis apaixonadas por futebol e por seus clubes, que tinham muita vontade de frequentar o estádio, mas que não o faziam por receio de atos violentos contra elas – preocupação similar à descrita por Marcelly¹⁴.

A experiência torcedora de Marcelly está implicada ao lugar de abjeção que a sociedade e o futebol lhes impõem. Se, por um lado, desenvolveu interesse pelo esporte e tem vontade de ir aos jogos, por outro, essa é “apenas” mais uma das opções de lazer que lhe atraem. No cálculo de prazeres e receios que ali obtém, priorizou filiar-se ao clube - ou, mais especificamente, às torcedoras e torcedores - que melhor lhe acolheu. Sua participação na Coligay parece, assim, estar orientada pelo convívio entre LGBT+s em um contexto de diversão. O vínculo com o clube está presente, mas submetido ao desfrute seguro e acolhedor entre pares. A sociabilidade é central. Outro indício dessa percepção é a comparação que Marcelly faz entre manifestação de uma torcida organizada com outros contextos de lazer, como as paradas de orgulho LGBT+: “Eu

¹⁴ O acesso a tal construção sobre travestis e transexuais torcedoras se deu na fala a partir de conversas para a construção da “Semana da Parada LGBT” de Belo Horizonte em 2014, na qual a pesquisadora apresenta dados a partir da sua experiência na pesquisa “Direitos e Violência na Experiência de Travestis e Transexuais na cidade de Belo Horizonte: Construção de um perfil social em diálogo com a sociedade”, desenvolvida pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais. Os dados sobre lazer das 114 participantes da pesquisa evidenciam, ainda, que os estádios de futebol se constituem como um ambiente aversivo a elas, justamente pelos elementos pautados.

acho que era uma grande festa. Eu acredito que seja uma coisa, assim, parecida como quando a gente se prepara pra parada livre”.

Olhando para outros/as integrantes, de forma comparativa, nota-se que a torcida se mostrava atrativa para pessoas que torciam e se engajavam com o Grêmio de diferentes formas. Havia torcedores/as como Marcelly, que – como ela diz – “não era de chorar, de gritar, espernear” e que não priorizava o clube a qualquer outra diversão, um vínculo clubístico que pode ser caracterizado como menos intenso ou estável que o de alguns/mas colegas da Coligay, que expressam seu torcer de forma constantemente efusiva e passional, caso de Joanita, por exemplo. Formas estas distintas, mas igualmente legítimas.

Pode se dizer que a Coligay abarcava diferentes manifestações de pertencimento clubístico e diferentes formas de apropriação da própria torcida. Em síntese, a Coligay se apresentava como uma oportunidade de lazer relacionada tanto como tempo-espaco de manifestação de pertencimento clubístico, quanto de sociabilidade LGBTQ+. Motivações que não se excluem. Em que pesem as variações na influência de um ou outro interesse, a festa e o Grêmio raramente não se sobrepunham.

Considerações Finais

Mesmo nas relações mais alinhadas à cisheteronormatividade, a admissão de vários torceres se apresenta na vida de algumas torcedoras. Assim, pensamos o torcer na vida de mulheres casadas com jogadores como uma possibilidade do exercício de polifiliações clubísticas, ainda que cada relação seja marcada por intensidades e modos diferentes no torcer.

No caso das torcedoras organizadas, há a constante necessidade de se distanciar do estereótipo das “Maria-chuteiras”, reafirmando sua dupla vinculação: ao clube e à

torcida. As vivências nas TOs supostamente as colocariam em posição privilegiada no reconhecimento do torcer, tanto comparadas às mulheres que se enquadram no que é entendido como “Maria-chuteira”, quanto aos torcedores comuns. A realidade, entretanto, se mostra como uma inclusão perversa em que, para garantir o reconhecimento e vinculação ao clube e à torcida, estabelece lógicas de submissão e concessão às torcedoras que são definidas por uma referência de torcer cismasculina. Para que esse torcer seja tido como genuíno, ele é permeado por uma série de controles, vigilâncias, concessões e violências, que se dão de formas auto e heterodirigidas, atualizando construções sociais do/no contexto futebolístico.

Se as torcedoras organizadas sentiam a necessidade de se distanciar do estereótipo das mulheres que se beneficiam da relação com o futebol (especificamente com os jogadores), no caso das mulheres casadas com os atletas profissionais essa distinção se torna também uma questão. Nos dois casos são as histórias de dedicação e sofrimento que auxiliam nessa distinção. No caso das torcedoras organizadas, o sacrifício e o conflito na torcida organizada, passar por situações de perigo, as distinguem tanto das “Maria-chuteiras” quanto dos torcedores comuns. Já no caso das mulheres casadas com jogadores, um dos pontos de contraposição colocados são as histórias de provação passadas junto ao marido jogador no empreendimento de sua carreira. Sobretudo as noções de “solidão” e da “vida difícil” foram bastante evocadas pelas interlocutoras nas entrevistas.

Seguindo essa lógica de constante revisão dos vínculos com base nas relações construídas no âmbito futebolístico, temos também o caso de Marcelly. No caso da travesti torcedora, para além da ruptura com as normas cisheteronormativas, promove uma desconstrução do vínculo clubístico como um pertencimento fiel e imutável. Não há valorização ou ênfase no sacrifício, na dedicação pelo clube, ainda que eles

estivessem, de algum modo, presentes. Sendo uma pessoa que sofre inúmeros processos de marginalização, no futebol ela busca diversão, alegria e, sobretudo, acolhimento. E, em que pese a flexibilidade que possibilitou a troca de clube, o exercício único desta alternativa, seguindo torcendo e acompanhando o Internacional até hoje, demonstra que não há desapego completo à tal imutabilidade.

Nossas análises das experiências dessas torcedoras não demonstram a ausência da fidelidade, imutabilidade ou exclusividade, elementos comumente tratados como imprescindíveis e inerentes ao torcer legítimo e genuíno. Por outro lado, verificamos que o clubismo apresenta condições, expectativas e cobranças diferentes a diferentes sujeitos, que fazem com que o desejo e possibilidade de cumprir tais requisitos nem sempre se realizem, o que não significa, necessariamente, abrir mão de torcer.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegrias”**: uma história da torcida Coligay. 388 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p.123-138, set./out./nov. 2013.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CARDOSO, Anna Gabriela Rodrigues. **Imagens discursivas de mulheres torcedoras dentro e fora das arquibancadas**, 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

CARSON, Alejandro Cervantes. Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.4, p.187 – 218, 1995.

_____. **Mulheres em cena**: as representações assumidas por integrantes de uma torcida organizada nas redes sociais, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Inglês) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2017.

COSTA, Leda Maria da. Marias-chuteiras x torcedoras “autênticas”: identidade feminina e futebol. Usos do passado. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. (Anpuh-Rio), 12, 2006. **Anais...** Universidade Federal Fluminense, Niteroi , 2006.

_____. Quem diz não ao futebol moderno. Juventude, mídia, contracultura e imagens da resistência. In: HELAL, Ronaldo; MOSTARO, Filipe (org.). **Narrativas do Esporte na Mídia: Reflexões e Pesquisas do Leme**. Curitiba: Appris, 2020. p 153-176.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____. **Do dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

_____. Futebol, engajamento e emoção. In: HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. (org.). **Esporte e Mídia - Novas Perspectivas: a influência de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 74-94, 2015.

DANTAS, Marina de Mattos. **Cartografias de um campo invisível: os anônimos jogadores do futebol brasileiro**. 2017. 251 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

_____. **Para além das quarto linhas e paredes: três histórias de mulheres casadas com jogadores de futebol**. 2019. 44 f. Relatório de pesquisa (Estágio pós-doutoral em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2019.

FRANCO, Neil. A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência**, v.28, n.47, p.47-66, mai.2016.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde**, v.5, n.1, jun.2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

LEWCZYNSKI, Camile Pasqualotto. **A percepção das esposas sobre a profissão de jogador de futebol e o seu papel na carreira de seus maridos jogadores profissionais de futebol**. Orientador: Marcio Geller Marques. 2010. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização em Psicologia do Esporte e do Exercício) - Universidade Feevale, 2010.

MENDES, Bárbara Gonçalves. **Flávias, Fernandas e Marias, sem chuteiras: A inserção de mulheres em uma Torcida Organizada de Belo Horizonte/MG**. 2015. 178f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

_____. “Torcedora é uma palavra que você inventou!”: representação social de ser torcedor e ser torcedora para mulheres em torcidas organizadas. *JORNADA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS*. 10, 2017. VIII CONFERÊNCIA BRASILEIRA SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – Campos, vertentes e fronteiras. 7. 2017. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais e GR “Representações Sociais” ANPEPP, 2017.

MENEGOTTO, Francine Morim. **Que rosa nada, elas usam é azul!** Um estudo sobre a participação de mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. 2011. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NUNES, João Sedas. Torcendo e nem tanto: onde pára a (re) produção (social)? *CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*, 15, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011.

OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982) *In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (org.) Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; GARCIA, Rafael Marques. O futebol contemporâneo brasileiro e a constituição de sujeitos trans: sob as lentes do cronotopo bakhtiniano. **Revista FuLiA / UFMG**, v. 4, p. 66-80, 2019.

SILVA, Mateus Alexandre. **O futebol como vivência de lazer de estudantes do Ensino Médio em cidades pequenas do interior de Minas Gerais**. 88 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, 2019.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz...** da relação do torcedor com o clube. 2001. 130 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *In: _____*. (org). **Geografias surversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Todapalavra, p.135-151, 2009.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro (Viviane V.). **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**, 2015. 244 f. Dissertação. (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Salvador, 2015.

SOUZA, Bruno Jeuken; ANTÔNIO, Victor Sá Ramalho. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades, **Ponto Urbe** [Online], São Paulo, 14, 2014.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

VIEIRA, Helena; FRACCAROLI, Yuri. Violência e dissidências: um breve olhar às experiências de repressão e resistência das travestis durante a ditadura militar e os primeiros anos da democracia. *In*: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

Endereço das Autoras:

Marina de Mattos Dantas
Alameda das Latânias, 1031 – Bairro São Luiz
Belo Horizonte – MG – 31.270-800
Endereço eletrônico: marinamattos@gmail.com

Luiza Aguiar dos Anjos
Rua Guilherme de Almeida, 59 – Apto 301 – Bairro Santo Antônio
Belo Horizonte – MG – 30.350-230
Endereço eletrônico: luizaaguiardosanjos@gmail.com

Bárbara Gonçalves Mendes
Rua Nelson, 597, apto 102 –Bairro União
Belo Horizonte – MG – 31.170-770
Endereço eletrônico: baarbaragm@gmail.com